

A Unção em Betânia: terceira lição sobre a doutrina da cruz

Mt 26.6-13; Mc 14.3-9; Jo 12.1-8

A. B. Bruce

O comovente relato da unção de Jesus por Maria em Betânia é parte do prefácio à história da paixão, como registrada nos evangelhos sinóticos. Aquele prefácio, como dado principalmente por Mateus, inclui quatro particulares: *primeiro*, uma afirmação feita por Jesus aos seus discípulos dois dias antes da Páscoa referente à sua traição; *segundo*, um encontro dos sacerdotes em Jerusalém para discutir quando e como Jesus devia ser morto; *terceiro*, a unção por Maria; *quarto*, a secreta correspondência entre Judas e os sacerdotes. No prefácio de Marcos o primeiro desses quatro particulares é omitido; em Lucas o primeiro e o terceiro.

Os quatro fatos relatados pelo primeiro evangelista tinham isto em comum, eram todos sinais de que o fim tão freqüentemente predito estava finalmente à mão. Jesus agora diz, não “o Filho do homem será traído”, mas “o Filho do homem é traído para ser crucificado”. As autoridades eclesiásticas de Israel estão reunidas em solene conclave, não para discutir a questão do que deve ser feito com o objeto de sua antipatia – isso já foi determinado – mas como a ação das trevas pode ser realizada com mais segurança e furtivamente. A vítima foi ungida por uma mão amiga para o sacrifício que se aproxima. E, finalmente, um instrumento foi achado para aliviar os sacerdotes de sua perplexidade, e pavimentar o caminho da forma mais inesperada para consumação de seu ímpio propósito.

O conjunto de incidentes na introdução da trágica história da crucificação é surpreendentemente dramático em seu efeito. Primeiro vem o Sinédrio em Jerusalém tramando contra a vida do Justo. Então vem Maria em Betânia, em seu indizível amor, quebrando o frasco de alabastro, e derramando seu conteúdo na cabeça e nos pés de seu amado Senhor. Por último vem Judas, oferecendo-se para vender seu Mestre por menos do que Maria tinha gasto em um inútil ato de afeição! Ódio e baixeza da cada lado, e verdadeiro amor no meio.¹

Esse ato memorável de Maria com seu alabastro pertence à história da paixão, em virtude da interpretação dada a ele por Jesus, que lhe dá o caráter

¹ Sobre a aparente discrepância entre os sinóticos e João quanto a tempo, e sobre todos os outros pontos referentes a harmonia, veja os comentários, especialmente Alford e Stier.

de um prelúdio lírico à grande tragédia encenada no Calvário. Ele pertence à história dos doze discípulos, por causa da construção desfavorável que eles colocam sobre ele. Todos os discípulos, parece, desaprovaram o ato, a única diferença entre Judas e o resto sendo que ele desaprovou por motivos hipócritas, enquanto seus condiscípulos foram honestos, em seu julgamento e em seus motivos. Em sua acusação, os doze prestaram a Maria um grande serviço. Eles asseguraram para ela um grande defensor em Jesus, e futuros elogiadores neles mesmos. A censura deles fez com que o Senhor fizesse a extraordinária afirmação, que em qualquer lugar em que o evangelho fosse pregado em todo o mundo, o que Maria tinha feito seria mencionado em memória dela. Essa profecia os discípulos acusadores, quando se tornaram apóstolos, ajudaram a cumprir. Eles se sentiram obrigados pelo virtual mandamento de seu Mestre, bem como pela generosa reação de seus próprios corações, a se corrigir com Maria por erros passados por contar a história do verdadeiro amor dela por Jesus onde eles contassem a história do verdadeiro amor dele pela humanidade. De seus lábios a comovente narrativa passou, no devido tempo, para os evangelhos, para ser lida com deleite pelos verdadeiros cristãos até o fim dos tempos. Verdadeiramente, pode-se ficar contente de ser censurado em um momento por causa de tal nobre defesa como a de Jesus e tal magnânima retratação como a de seus apóstolos!

Quando consideramos de quem a defesa de Maria procede, devemos ficar convencidos que não foi só generosa, mas justa. E todavia, seguramente é uma defesa de um tipo muito surpreendente! Na verdade, parece como se, enquanto os discípulos foram a um extremo na acusação, seu Senhor foi para o outro extremo no louvor; como se, ao assim louvar a mulher de Betânia, estivesse só repetindo sua extravagância de outra forma. Agente se sente tentado a perguntar: foi a ação dela então tão altamente meritória a ponto de merecer ser associada com o evangelho para sempre? Então, quanto à explicação do ato feita por Jesus, as seguintes questões surgem naturalmente: houve realmente qualquer referência na mente de Maria a sua morte e sepultamento enquanto ela fazia o que fez? Jesus não atribuiu a ela seu próprio sentimento, e investiu o seu ato de um significado ideal e poético, que não estava nele, mas em seus próprios pensamentos? E se é assim, podemos endossar o julgamento pronunciado; ou devemos, sobre a questão quanto ao mérito intrínseco do ato de Maria, ficar do lado dos doze contra seu Mestre?

Nós, de nossa parte, cordialmente ficamos do lado de Cristo na questão; e ao fazer assim, temos o direito de fazer duas admissões. Em primeiro lugar, admitimos que Maria não tinha pensado no embalsamar, no sentido literal, do corpo morto de Jesus, e possivelmente não estava pensando em sua morte de forma alguma quando o ungiu com o precioso unguento. O ato dela foi simplesmente uma homenagem festiva feita a quem ela amava

indizivelmente, e que ela poderia ter feito em outra ocasião.² Admitimos ainda que, certamente, teria sido uma extravagância falar do ato de Maria, por nobre que fosse, como tendo o direito de ser associado com o evangelho em todo o lugar e para sempre, a menos que fosse adequado ser narrado não por causa dela, mas mais especialmente por causa do evangelho; isso significa, a menos que fosse possível utilizá-lo para expor a natureza do evangelho. Em outras palavras, o quebrar do frasco de alabastro deve ser digno de ser empregado como um símbolo dos atos de amor realizados por Jesus ao morrer na cruz.

É nisso, de fato, que nós cremos. Em qualquer lugar em que o evangelho é realmente pregado, o relato da unção deve ser louvado como a melhor ilustração possível do espírito que moveu Jesus a dar sua vida, como também do espírito do cristianismo como ele se manifesta na vida de crentes sinceros. O quebrar do frasco de alabastro é um belo símbolo ao mesmo tempo do amor de Cristo por nós e do amor que devemos a ele. Como Maria quebrou seu frasco de unguento e derramou seu precioso conteúdo, assim Cristo quebrou seu corpo e derramou seu precioso sangue; assim os cristãos derramam seu coração diante de seu Senhor, não dando valor a suas vidas por causa dele. A morte de Cristo foi a quebra de um frasco de alabastro por nós; nossa vida deve ser um quebrar de frasco de alabastro por ele.

Essa relação de afinidade espiritual entre o feito de Maria e seu próprio feito ao morrer é a verdadeira chave para tudo que é enigmático na linguagem de Jesus ao falar do primeiro. Isto explica, por exemplo a forma notável em que ele se referiu ao evangelho em ligação com ele. “Este evangelho”, ele disse, como se já tivesse falado dele; além disso, como se o ato de ungir fosse o evangelho. E ele era *em figura*. Aquele ato já feito por Maria sugeriu naturalmente à mente de Jesus o outro ato que estava para ser feito por ele mesmo. Ele pensou consigo mesmo: “Nele, nesse frasco quebrado e óleo derramado, a minha morte é prefigurada; no motivo oculto do qual aquele ato procedeu está o eterno espírito no qual eu mesmo ofereço um sacrifício revelado.” Esse pensamento ele quis expressar quando usou a frase “este evangelho”; e ao colocar tal construção no feito de Maria ele estava, na verdade, dando aos seus discípulos *sua terceira lição sobre a doutrina da cruz*.

À luz dessa mesma relação de afinidade espiritual, claramente percebemos o verdadeiro significado da afirmação feita por Jesus concernente ao ato de Maria: “Quando derramou este perfume sobre o meu corpo, ela o fez a fim de me preparar para o sepultamento.” Foi uma explicação mística e poética de um ato muito poético, e como tal foi não só bonito mas *verdadeiro*. Porque a unção em Betânia ajudou a preparar, embalsamar por assim dizer, o verdadeiro significado da morte do Salvador. Ele nos supriu com um ato simbólico através do qual entender aquela morte; ele derramou ao redor da

² É natural ligar a unção com a ressurreição de Lázaro, e encontrar na gratidão pela restauração de um irmão à vida o motivo daquele ato de amor. Tem sido sugerido que o unguento pode originalmente ter sido preparado para os rituais do enterro de Lázaro.

cruz um aroma imperecível de amor altruísta; ele cobriu o túmulo do Salvador com flores que nunca se secarão, e levantou para Jesus, bem como para Maria, um monumento que durará por todas as gerações. Teria sido inadequado dizer de tal ato: “Ela o fez a fim de me preparar para o sepultamento”? Não seria muito mais inadequado ainda dizer de um ato capaz de fazer um serviço tão importante para o evangelho, que ele era um desperdício e inútil?

Essas perguntas serão respondidas na afirmativa por todos que estão convencidos de que a afinidade espiritual afirmada por nós de fato existiu. O que temos de fazer agora, portanto, é mostrar, entrando em mais detalhes, que nossa asserção é bem fundamentada.

Há três pontos destacados de semelhança entre a “boa ação” de Maria, e a boa obra realizada pelo próprio Jesus ao morrer na cruz.

Havia uma primeira semelhança no motivo. Maria fez sua boa ação por puro amor. Ela amava Jesus com todo o seu coração, pelo que ele era, pelo que ele tinha feito à família dela, e pelas palavras de instrução que ela tinha ouvido dos lábios dele, quando ele visitou sua casa. Havia tal amor em seu coração por seu amigo e benfeitor que imperativamente exigia expressar-se, e todavia não podia ser expresso em palavras. Ela tinha que fazer algo que aliviasse suas emoções reprimidas: ela deve pegar um frasco de alabastro e quebrá-lo, e derramá-lo sobre a pessoa de Jesus, ou o seu coração se partirá.

Aqui o ato de Maria se assemelha intimamente ao de Jesus ao morrer na cruz, e ao vir a esse mundo para que pudesse morrer. Porque só um amor como o de Maria, só que mais profundo e mais forte, o levou a sacrificar-se por nós. O simples relato de toda a conduta de Cristo ao tornar-se homem, e passar pelo que foi registrado dele, é isto: Ele *amou pecadores*. Após se esforçarem no estudo da filosofia da redenção, teólogos eruditos voltaram a essa como a mais satisfatória explicação que pode ser dada. Jesus amou tanto os pecadores a ponto de oferecer sua vida por eles; e ainda, podemos quase dizer, ele os amou tanto que precisou vir e morrer por eles. Como Neemias, o judeu patriota na corte do rei persa, ele não podia ficar na corte do céu enquanto seus irmãos, longe sobre a terra, estavam em péssima situação; Ele precisava pedir e obter uma licença para descer em seu socorro.³ Ou, como Maria, ele deve procurar um frasco de alabastro – um corpo humano – enchê-lo com a fina essência de uma alma humana, e derramar sua alma na morte sobre a cruz para nossa salvação. O Espírito de Jesus, sim, o espírito do Deus eterno, é o espírito de Maria e de Neemias, e de todos os que têm o mesmo sentimento. Em reverência devemos antes dizer, o espírito de alguém assim é o espírito de Jesus e de Deus; e todavia é necessário às vezes colocar a questão na forma inversa. Porque de alguma forma somos lentos em crer que amor é uma realidade para Deus. Nós quase fugimos, como se fosse uma impiedade,

³ Veja Neemias 1 e 2. Neemias, como Maria, podem ser referidos onde quer que o evangelho seja pregado, para ilustrar o coração do Redentor e interpretar seus pensamentos.

de atribuir ao Ser divino as qualidades que confessamos ser as mais nobres e as mais heróicas no caráter humano. Daí o valor prático da sanção aqui dada por Jesus à associação da unção em Betânia com a crucificação no Calvário. Com isso, ele de fato nos diz: Não temam ver minha morte como um ato do mesmo tipo que o de Maria; um ato de puro e devotado amor. Deixem o aroma do unguento dela circular ao redor de minha cruz, e ajudá-los a discernir o doce sabor de meu sacrifício. Entre todas as suas especulações e teorias sobre o grande tema da redenção, atenção para não deixarem de ver em minha morte meu coração amoroso, e o coração amoroso de meu pai, revelados.⁴

A “boa ação” de Maria ainda se assemelha à de Cristo em seu caráter de dedicação. Não foi sem um esforço e um sacrifício que aquela devotada mulher realizou seu famoso ato de homenagem. Todos os evangelistas mencionaram o preço do unguento. Marcos e João falam dos discípulos murmuradores calculando seu valor em trezentos denários, isto é, o salário anual de um trabalhador braçal na taxa de um denário por dia. Por si só era de fato uma grande soma; mas o que deve especialmente ser notado é que era uma soma muito grande para Maria. Isso sabemos das próprias palavras de Cristo, como registradas pelo segundo evangelista. “Ela fez o que pôde”, ele bondosamente observou sobre ela, defendendo sua conduta contra as duras censuras de seus discípulos. Foi uma observação do mesmo tipo daquela que ele fez um dia ou dois mais tarde em Jerusalém a respeito da viúva pobre a quem ele viu jogando duas moedinhas no tesouro do templo; e isso significava que Maria tinha gasto todos os seus recursos naquele singular tributo de respeito àquele a quem sua alma amava. Toda a sua renda, todo o seu dinheiro tinha sido dado em troca daquele frasco, cujo precioso conteúdo ela derramou sobre a pessoa do Salvador. Seu amor não era comum: era uma devoção nobre, heróica e dedicada, que a levava a fazer o seu máximo por seu objeto.

⁴ Há uma tendência entre teólogos de mentalidade ultra-escolástica para tratar tudo que é dito de amor no contexto da expiação como sentimental, ou no máximo, como disponível somente para propósitos populares, e para representar o aspecto judicial da expiação como o único com validade científica. Assim, um recente escritor sobre a história das doutrinas (Shedd) diz: “Todo desenvolvimento científico verdadeiro da doutrina da expiação, é muito evidente, deve partir da idéia da justiça divina. Essa concepção é a primeira na representação bíblica dessa doutrina”. Esse autor está bastante enamorado das “soteriologias” com pretensões científicas. Ele idolatra Anselmo como o autor da “primeira metafísica da doutrina cristã da expiação”, e como o primeiro a reclamar para a doutrina da satisfação vicária “tanto uma necessidade racional como uma racionalidade científica.” Anselmo certamente levou a paixão por um raciocínio *a priori* sobre o assunto da redenção ao seu limite extremo. Ele pretendia demonstrar não só uma necessidade hipotética por uma expiação para a salvação, mas uma necessidade absoluta. Um certo número de pecadores, ele sustentava, deve ser salvo para preencher o número dos anjos caídos, como “é indubitável que a natureza racional que é ou deve ser feliz na contemplação de Deus é préconhecida por Deus em um certo número racional e perfeito que não pode ser mais nem menos” (*Cur Deus Homo*, 1.c. 16). Que felicidade escapar de tal suposta ciência para a sala de refeição em Betânia! Deixe que o augusto atributo da justiça tenha seu devido lugar na teologia da expiação, mas não relegue o “amor”, tirando-o da teologia, aos sermões populares. A morte de Cristo satisfaz a justiça divina e o amor divino, e a glória do evangelho é que no *mesmo* acontecimento satisfaz a ambos.

Nisto a mulher de Betânia se assemelhava ao Filho do homem. Ele também fez o que pôde. O que fosse possível para um ser santo suportar em forma de humilhação, tentação, tristeza, sofrimento, sim, até na forma de tornar-se “pecado” e “uma maldição”, a isso ele voluntariamente se submeteu. Por toda sua vida sobre a terra, ele escrupulosamente se absteve de fazer algo que pudesse levar a fazer seu cálice de aflição ficar menos que totalmente cheio. Ele se negou todas as vantagens do poder e privilégio divinos; ele se esvaziou; ele se fez pobre; ele se tornou em todos os aspectos possíveis como seus irmãos pecadores, para que pudesse qualificar-se para ser um sumo sacerdote misericordioso e fiel para eles nas coisas referentes a Deus. Tais sacrifícios na vida e morte seu amor impôs sobre ele.

Enquanto sacrifícios imponentes, o amor, em forma de compensação, os faz fáceis. Não é só o destino do amor, mas é o deleite do amor, suportar dificuldades, carregar cargas pelo objeto amado. Ele não fica satisfeito enquanto não acha uma oportunidade e incorporar-se em um serviço que envolva custo, trabalho, dor. As coisas das quais o egoísmo se esquivava, o amor ardentemente deseja. Essas reflexões, acreditamos, se aplicam a Maria. Com seu amor por Jesus, era mais fácil para ela fazer o que fez que deixar de fazê-lo. Mas a prontidão do amor e a ansiedade para se sacrificar são mais singularmente exemplificados no caso do próprio Jesus. Foi de fato seu prazer sofrer por nossa redenção. Longe de esquivar-se da cruz, ele a aguardou ansiosamente com desejo sincero; e quando a hora de sua paixão se aproximou, ele falou dela como a hora da sua glorificação. Ele não pensava em realizar nossa salvação ao menor custo possível para si. Seu sentimento era antes como este: “Quanto mais eu sofrer melhor: mais profundamente eu entenderei minha identidade com meus irmãos; mais completamente serão os instintos e anseios simpáticos, carregador de fardos, auxiliares do meu amor, serão satisfeitos.” Sim: Jesus tinha mais a fazer do que comprar pecadores por um pequeno preço como seria aceito pelo resgate deles. Ele tinha que fazer justiça ao seu próprio coração; ele tinha que expressar adequadamente sua profunda *compaixão*, e nenhum ato de dimensões limitadas ou calculadas serviria para exaurir o conteúdo daquilo cujas dimensões eram imensuráveis. Sofrimento medido, especialmente quando suportado por personagem tão sublime, podia satisfazer a justiça divina, mas não poderia satisfazer o amor divino.

A terceira característica que fazia da “boa ação” de Maria um exemplo da do Salvador era sua *magnificência*. Isso também apareceu no dispêndio ligado ao ato de ungir, que não era só do tipo que envolvia um sacrifício por uma pessoa de seus meios, mas muito liberal com referência ao propósito em mão. A quantidade de óleo empregado no serviço era, segundo João, não menos que um terço de litro. Isso era muito mais do que o que poderia ser dito ser necessário. Houve uma aparência de desperdício e extravagância na forma da unção, mesmo que se admita que a coisa era correta e adequada. Se os

discípulos objetaram à cerimônia, embora realizada, não aparece; mas era evidentemente a quantidade extravagante de unguento gasto que foi o objeto proeminente de seu descontentamento. Podemos pensar neles dizendo, por exemplo: “Certamente, menos podia ter sido feito; a maior parte pelo menos, se não o todo desse unguento, poderia ter sido economizada para outros usos. Isso é simplesmente desperdício sem sentido”.

O que os discípulos de coração estreito pensavam que era desperdício era só a magnificência principesca do amor, que, como até um filósofo pagão poderia dizer, não considera por quanto ou quão pouco isso ou aquilo pode ser feito, mas como pode ser feito mais graciosamente e elegantemente. E que parecia a eles gasto despropositado serviu pelo menos para um bom propósito. Ele simbolizava uma característica similar da boa obra de Cristo como Salvador de pecadores. *Ele fez Sua* obra magnificientemente, e em nenhuma forma medíocre ou econômica. Ele realizou a redenção de “muitos” com meios adequados para redimir todos. “Com ele há plena redenção.” Ele não mediu seu sangue em proporção ao número a ser salvo, nem limitou suas simpatias, como amigo do pecador, ao eleito. Ele derramou amargas lágrimas por almas condenadas; ele derramou seu sangue sem medida, e sem consideração por números, e ofereceu uma expiação que era suficiente pelos pecados do mundo. Nem era esse atributo de suficiência universal ligado a sua obra expiadora um ao qual ele fosse indiferente. Pelo contrário, parece ter estado em seus pensamentos no mesmo momento em que ele pronunciou as palavras autorizando a associação do ato de amor de Maria com o evangelho. Porque ele fala daquele evangelho, que devia consistir na proclamação de Seu feito de amor ao morrer pelos pecadores, como um evangelho para todo o mundo; evidentemente desejando que, como o aroma do unguento de Maria encheu a sala em que os convidados estavam reunidos, assim o aroma de seu sacrifício pudesse ser difundido como uma atmosfera de saúde salvadora entre todas as nações.

Podemos dizer, portanto, que ao defender Maria contra a acusação de desperdício, Jesus estava ao mesmo tempo se defendendo, respondendo antecipadamente a questões tais como estas: Com que objetivo chorar sobre a Jerusalém condenada? Por que se entristecer por almas que devem afinal de contas perecer? Por que se preocupar com pessoas não eleitas para a salvação? Por que ordenar que seu evangelho seja pregado a toda criatura, com uma ênfase que parece dizer que ele quer que todos sejam salvos, quando ele sabe que somente um número definido crerá na mensagem? Por que não limitar suas simpatias e sua solicitude àqueles que serão de fato beneficiados por elas? Por que não restringir seu amor ao canal da aliança? Por que permitir que ele transborde como um rio na cheia?⁵

⁵ Sobre o aparente desperdício na economia da redenção, há algumas boas observações nos escritos de Andrew Fuller, e especialmente em *Three Conversations on Particular Redemption*. Ele diz: “Combina com a conduta geral de Deus compartilhar seus favores com um tipo de profusão que, para a mente do

Tais perguntas revelam ignorância das condições sob as quais até os eleitos são salvos. Cristo não poderia salvar ninguém a menos que estivesse completamente disposto a salvar todos, porque essa disposição é uma parte da justiça perfeita que ele deveria cumprir. A máxima do dever é, Ame a Deus acima de todas as coisas, e ao teu próximo como a ti mesmo; e “próximo” significa, para Cristo e para nós, todo aquele que necessita de ajuda, e a quem ele pode ajudar. Mas para não se basear nisso, nós observamos que tais perguntas mostram ignorância da natureza do amor. Magnificência, incorretamente chamada por avaros de extravagância e desperdício, é um atributo invariável de todo verdadeiro amor. Davi reconheceu essa verdade quando ele escolheu a profusa unção de Arão com o óleo da consagração, em sua instalação no ofício de sumo sacerdote, como um símbolo adequado do amor fraternal (Sl 133). Houve “desperdício” naquela unção também, bem como naquela que aconteceu em Betânia. Porque o óleo não foi *aspergido* sobre a cabeça de Arão, embora isso pudesse ter sido suficiente para os propósitos de uma mera cerimônia. O jarro era esvaziado sobre a pessoa do sumo sacerdote, de forma que seu conteúdo escorria pela barba, e até as bordas da roupa do sacerdote. Exatamente naquele desperdício encontrava-se o ponto de semelhança para Davi. Era uma característica que provavelmente chocaria sua mente, porque ele, também, era um desperdiçador a sua maneira. Ele tinha amado a Deus de uma forma que o expôs à acusação de extravagância. Ele tinha dançado diante do Senhor, por exemplo, quando a arca foi levada da casa de Obede-Edom para Jerusalém, esquecido de sua dignidade, excedendo os limites do decoro, e, como podia parecer, sem desculpa, como uma muito menos efusiva demonstração de seus sentimentos teria servido ao propósito de uma solenidade religiosa (2Sm 6).

Davi, Maria, Jesus, todos eles seres devotados, amorosos, profetas, apóstolos, mártires, confessores, pertencem a um grupo, e todos estão sob a mesma condenação. Todos eles devem se declarar culpados de desperdício de afeição, sofrimento, trabalho duro, lágrimas; todos vivem de forma a ganhar para si mesmos a censura de extravagância, que é seu mais alto louvor. Davi dança e Mical zomba; profetas partem seus corações por causa do pecado e miséria de seu povo, e o povo brinca com sua dor; Maria quebra seu frasco de alabastro, e discípulos frios censuram o desperdício; homens de Deus sacrificam tudo o que têm por suas convicções religiosas, e o mundo os chama de loucos por causa de suas dores, e filósofos os advertem para não serem mártires por engano; Jesus chora por pecadores que não virão a ele para serem salvos, e homens ingratos perguntam: Por que derramar lágrimas por vasos de ira preparados para a destruição?

Temos assim visto que a boa ação de Maria era um símbolo adequado e digno da boa ação de Jesus Cristo ao morrer sobre a cruz. Devemos agora

homem que vê somente um ou dois fins a serem respondidos com eles, podem ter a aparência de desperdício.”

mostrar que a própria Maria é em alguns aspectos importantes digna de ser tida como um modelo cristão. Três características em seu caráter lhe dão direito a esse nome honroso.

Primeira entre essas é sua ligação entusiástica à pessoa de Cristo. A mais proeminente característica no caráter de Maria era seu poder de amar, sua capacidade de abnegação. Foi essa virtude, como manifesta em sua ação, que gerou a admiração de Jesus. Ele ficou tão contente com o nobre ato de amor, que ele, por assim dizer, canonizou Maria imediatamente, como um rei pode conferir nobreza no campo de batalha a um soldado que tem desempenhado algum nobre feito de armas. Na realidade, o que ele disse foi: “É isso o que eu entendo por cristianismo: uma devoção desinteressada e espontânea a mim como o Salvador de pecadores, e como o soberano do reino da verdade e da justiça. Portanto, onde o evangelho for pregado, que o que esta mulher tem feito seja relatado, não só para lembrança dela, mas para indicar o que eu espero de todos os que crêm em mim.”

Ao recomendar Maria assim, Jesus nos dá a entender, na realidade, que devoção é a principal das virtudes cristãs. Ele proclama a mesma doutrina depois ensinada por aquele que, embora último, foi o primeiro de todos os apóstolos em sua compreensão da mente de Cristo – o apóstolo Paulo. Aquele reluzente panegírico sobre a caridade, tão bem conhecido de todos os leitores de suas epístolas, nas quais ele faz eloquência, conhecimento, fé, o dom de línguas, e o dom de profecia, prestar homenagem a ela, como a virtude soberana, é só a interpretação fiel em termos gerais do encômio pronunciado sobre a mulher de Betânia. O relato da unção e o décimo terceiro capítulo da primeira epístola aos coríntios podem ser lidos proveitosamente juntos.

Ao fazer do amor o teste e medida da excelência, Jesus e Paulo, e os outros apóstolos (porque todos eles compartilharam a mente do Mestre no fim), diferem amplamente do mundo religioso e irreligioso. Fariseus e saduceus, religiosos rigorosos, e homens sem escrúpulos e sem religião, concordam em desprezar a ardente, entusiástica e nobre devoção, mesmo na causa mais nobre. Eles são sábios e prudentes, e sua filosofia pode ser incorporada em máximas como estas: “Não seja tão liberal em seus sentimentos, muito caloroso em suas simpatias, muito ansioso em seu sentido de dever; nunca permita que seu coração assumo o controle de sua cabeça, ou que seus princípios interfiram em seus interesses.” Tão amplamente difundida é a antipatia pela sinceridade, especialmente no bem, que todas as nações têm seus provérbios contra o entusiasmo. Os gregos tinham seu *μηδεν αγαν*, os latinos seu *Ne quid nimis*,⁶ expressando o ceticismo no criador de provérbio e no citador quanto à possibilidade da sabedoria ser entusiástica sobre qualquer coisa. O mundo é prosaico, não poético, em temperamento – prudente, não

⁶ O provérbio escocês com o mesmo sentido é “Nae owers are guid”.

impulsivo: ele abomina excentricidade em bem ou mal; ele prefere um nível morto de mediocridade, moderação e autodomínio; seu modelo de homem é aquele que nunca se esquece, seja por afundar abaixo de si mesmo em tolice ou iniquidade, seja por elevar-se acima de si mesmo, e livrar-se da mediocridade, orgulho, egoísmo, covardia e vaidade em devoção a uma causa nobre.

Os doze eram como o mundo em seu temperamento na ocasião da unção: eles parecem ter visto Maria como uma criatura romântica, quixotesca e louca, e sua ação como absurda e indefensável. Eles não objetaram, é claro, a seu amor por Jesus; mas condenaram a maneira de sua louca manifestação, como o dinheiro gasto no unguento podia ter sido aplicado com um melhor propósito – diga-se, para o alívio dos destituídos – e Jesus louvava nada menos, considerando, segundo seu próprio ensino, todas as ações filantrópicas como atos de bondade para si mesmo. E, à primeira vista, se fica meio inclinado a dizer que eles tinham razão, e eram muito mais sábios, enquanto não menos devotados a Jesus que Maria. Mas olhe o comportamento no dia da crucificação do Senhor, e veja a diferença entre eles e ela. Maria ama tanto a ponto de ficar além de cálculo das conseqüências ou gastos; eles amavam tão friamente, que havia espaço para o medo em seus corações: portanto, enquanto Maria gasta tudo o que tem no unguento, todos eles abandonaram seu Mestre, e fugiram para salvar suas próprias vidas. Disso podemos ver que, apesar de extravagâncias excepcionais, aparentes ou reais, é mais sábio como mais nobre aquele espírito que nos faz incapazes de cálculo, e à prova de tentações surgindo daí. Um Lutero ousado, desajeitado, mas heróico vale mil homens do tipo de Erasmo, incrivelmente sábio, mas frio, sem paixão, tímido, e oportunista. A erudição é grande, mas a ação é maior; e o poder de fazer coisas nobres vem do amor.

Quão grande é a devotada Maria comparada com os discípulos de coração frio! Ela faz ações nobres, e eles a criticam. Triste ato de um ser humano, criticismo, especialmente o tipo comum nos acusadores! O amor não se importa com tal ocupação; é muito insignificante para sua mente generosa. Se há lugar para louvor, ela o dará em medida ilimitada. Mas antes que criticar e acusar, ela prefere ficar em silêncio. Veja de novo como o amor em Maria se torna um substituto para a presciência. Ela não sabe que Jesus está para morrer, mas ela age como se soubesse. Tal como Maria pode adivinhar; os *instintos* do amor, a inspiração do Deus do amor, os ensina a fazer a coisa certa no tempo certo, que é a realização máxima da verdadeira sabedoria. Por outro lado, vemos no caso dos discípulos como a frieza de coração consome o conhecimento e torna as pessoas estúpidas. Eles tinham recebido muito mais informação que Maria sobre o futuro. Se eles não sabiam que Jesus estava para morrer, deviam saber a partir de muitas indicações e até claras insinuações feitas a eles. Mas, eles tinham esquecido tudo isso. E por quê? Pela mesma razão que faz as pessoas tão esquecidas de coisas referentes ao

próximo. Os doze estavam muito ocupados com seus próprios problemas. Suas cabeças estavam cheias de sonhos vaidosos de ambição mundana, e assim as palavras de seu Mestre foram esquecidas quase tão logo foram pronunciadas, e foi necessário que ele lhes dissesse pateticamente e reprovadamente: “Pois os pobres vocês sempre terão consigo, mas a mim vocês nem sempre terão”. Pessoas tão dispostas nunca entendem os tempos, quanto a saber o que Israel deve fazer, ou aprovar a conduta daqueles que não sabem.

Uma segunda admirável característica em Maria era a *liberdade de seu espírito*. Ela não estava presa a métodos e regras de boa conduta. Os discípulos, julgando-se a partir de sua linguagem, parecem ter sido grandes “metodistas”, servis em seu apego a certos modos estereotipados de ação. Eles disseram: “Este perfume poderia ser vendido por alto preço, e o dinheiro dado aos *pobres*”. Eles entendiam que a caridade para com os pobres era um dever muito importante: eles sabiam que seu Mestre sempre se referia a ela; e eles faziam dela tudo. “Caridade”, no sentido de dar esmolas,⁷ era seu *hobby*. Quando Judas foi trair seu Senhor, eles pensaram que ele estava indo distribuir o que restara da refeição entre algumas pessoas pobres que ele conhecia. Suas idéias de fazer o bem pareciam ser dominadas por método. Para eles, boas obras não pareciam ser co-extensivas com ações nobres de todos os tipos. A frase é técnica, e limitada em sua aplicação a um confinado círculo de ações de uma natureza expressamente e obviamente religiosa e benevolente.

Não para Maria. Ela conhece mais formas de fazer o bem. Ela pode criar formas próprias. Ela é original, criativa, não servilmente imitativa. E ela é tão sem temor quanto é original. Ela não pode só imaginar formas de fazer o bem a partir de caminhos já trilhados, mas ela tem a coragem de realizar suas idéias. Ela não tem medo do público. Ela não pergunta antecipadamente: “O que os doze vão pensar disso?” Com uma mente livre ela forma seu plano, e com mão firme e pronta ela o executa.

Essa liberdade Maria devia a seu grande coração. O amor a fez original em pensamento e ação. Pessoas sem coração não podem ser originais como ela foi. Eles podem se acostumar com boas obras por um motivo ou outro; mas as realizam de uma forma servil e mecânica. É preciso que alguém em quem eles confiam, ou mais geralmente, o costume ou a moda, lhes diga o que fazer; daí eles nunca fazem nada que não esteja na moda. Mas Maria não precisava de conselheiro; ela se aconselhava com seu próprio coração. O amor

⁷ Não podemos considerar um avanço a exclusão da palavra caridade da RV. O motivo é bastante óbvio, o fato de que ela é freqüentemente empregada no sentido de dar esmola. Mas ela tem um sentido muito claro além desse, a saber, “amor liberal”; e é uma palavra muito preciosa em nosso vocabulário religioso para ser descartada. O efeito da omissão no estilo da RV é algumas vezes muito infeliz. Assim em 2Pd 1.7, para “com a fraternidade, a caridade”, na AV, nós temos na RV: “em seu amor dos irmãos, amor”. O que poderia ser mais fraco?

lhe ditava infalivelmente qual o dever do momento; que seu negócio no momento não era dar esmolas, mas ungir a pessoa do grande sumo sacerdote.

Podemos aprender do exemplo de Maria que o amor é, não menos que a necessidade, a mãe da invenção. Um grande coração tem tanto a ver com originalidade espiritual como uma cabeça inteligente. O que é necessário para encher a igreja com pregadores originais, doadores originais, participantes originais em todos os departamentos da obra cristã não é mais cérebro, ou mais treinamento, ou mais oportunidades, mas acima de tudo, mais *coração*. Quando há pouco amor na comunidade cristã, ela se assemelha a um rio em tempo seco, que não só fica dentro de suas margens, mas nem ocupa todo o seu canal, deixando grandes camadas de cascalho ou areia altas e secas em ambos os lados da corrente. Mas quando o amor de Deus é derramado nos corações de seus membros, a igreja torna-se como o mesmo rio em tempo de chuva. O nível começa a subir, as camadas de cascalho gradualmente desaparecem, e por fim a inundação não só enche seu canal como transborda de suas margens e se espalha pelas planícies. Novos métodos de fazer o bem são então tentados, e novas medidas de fazer o bem são alcançadas; novas canções são compostas e cantadas; novas formas de expressão para antigas verdades são criadas, não por causa da novidade, mas no poder criativo de uma nova vida espiritual.

Foi o amor que livrou Maria do medo, bem como da prisão do costume mecânico. Alguém que conheceu bem o poder do amor disse: “O amor lança fora o medo”. O amor pode até transformar mulheres retraídas e sensíveis em corajosas – até mais corajosas que homens. Ele pode nos ensinar a desrespeitar aquela coisa chamada opinião pública, diante da qual toda a humanidade se acovarda. Foi o amor que fez Pedro e João tão corajosos diante do sinédrio. Eles tinham estado com Jesus tempo suficiente para amá-lo mais que sua própria vida, portanto não se intimidaram diante do poderoso. Foi o amor que fez o próprio Jesus tão indiferente à censura, e indiferente às restrições convencionais na execução de sua obra. Seu coração era tão devotado a sua missão filantrópica, que ele desafiou a desaprovação do mundo; e ainda, provavelmente não tanto por que se importava com ela, exceto quando ela se intrometia em seu caminho. E o que o amor fez por Maria, e por Jesus, e pelos apóstolos em dias posteriores, ele faz por todos. Sempre que ele existe em uma medida liberal, ele bane a timidez e acanhamento, e a imbecilidade que acompanha a esses, e produz força de caráter e sanidade mental. E para coroar o encômio, podemos adicionar que, enquanto nos faz corajosos, o amor não nos faz atrevidos. Algumas pessoas são corajosas porque são muito egoístas para se preocupar com os sentimentos dos outros. Os que são corajosos por causa do amor podem ousar fazer coisas que serão vistas como erradas, mas eles sempre estão ansiosos, na medida do possível, para agradar seus semelhantes, e evitar ofender.

Ainda podemos dizer algo sobre esse assunto. A liberdade que surge do amor nunca pode ser perigosa. Em nossos dias muitos estão alarmados com o progresso da escola teológica liberal. E da tolerância que consiste em *indiferença cética* para com a verdade cristã universal fazemos bem em ser zelosos. Mas, por outro lado, da liberdade e tolerância devidas ao ardente amor por Cristo, e todo o grande interesse de seu reino, não podemos ter demais. O espírito de caridade pode de fato tratar como assuntos comparativamente leves, coisa que pessoas de mente austera consideram quase de vital importância, e podem estar dispostos a fazer coisa que pessoas mais enamoradas da ordem e do costume, mais que da liberdade, podem considerar inovações licenciosas. Mas o estrago feito será imaginário antes que real; e mesmo que fosse de outra forma, as Marias impulsivas nunca são tão numerosas na igreja que não possam ser toleradas com segurança. Há sempre um número suficiente de discípulos normais e amantes da ordem para manter seus irmãos quixotescos sob o devido controle.

Finalmente, a *nobreza* do espírito de Maria não era menos notável que sua liberdade. Não havia traço de utilitarismo vulgar em seu caráter. Ela pensava habitualmente, não no imediatamente, obviamente e materialmente útil, mas no honroso, amável e moralmente belo. Pessoas duras e práticas poderiam dizer que ela era romântica, sentimental, sonhadora e mística; mas uma avaliação mais justa diria que ela era uma mulher cujas virtudes eram heróicas e nobres, antes que comerciais. Jesus assinalou o ponto saliente no caráter de Maria com o epíteto que ele usou para descrever sua ação. Ele não disse que era uma ação útil, mas boa, ou melhor ainda, uma ação *nobre*.

E todavia, enquanto o feito de Maria era caracteristicamente nobre, não era o menos útil. Todas as boas obras são úteis em algum sentido, em uma ocasião ou outra. Todas as coisas nobres e boas – pensamentos, palavras, obras – contribuem no fim para o benefício do mundo. Só que a utilidade de ações tais como as de Maria – das melhores e mais nobres necessidades – não sempre aparentes ou apreciáveis. Se fossemos fazer do uso imediato, óbvio e vulgar o teste do que é certo, deveríamos excluir não só a unção em Betânia, mas todos os grandes poemas e obras de arte, todos os sacrifícios de vantagem material para a verdade e dever; tudo de fato que não tendeu diretamente a aumentar riqueza e conforto externos, mas meramente ajudou a redimir o mundo da vulgaridade, dando-nos relances de uma terra muito distante de beleza e bondade, referente a qual nós de vez em quando só fracamente sonhamos, e nos pôs em contato com o divino e o eterno, fez da terra chão clássico, um campo onde heróis têm lutado, e onde seus ossos são enterrados, e onde a pedra musgosa está levantada para comemorar seu valor.

Em sua nobreza de espírito Maria foi preminentemente *o cristão*. Porque o gênio do cristianismo certamente não é o utilitarismo. Seu conselho é: “Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é venerável, tudo que é justo, tudo que é puro, tudo que é amável, nisso pensai”. Todas essas coisas são

enfaticamente úteis; mas não é por sua utilidade mas por elas próprias, que devemos pensar nelas, e isso por uma boa razão. Precisamente para ser útil, devemos visar algo superior à utilidade; assim como para ser feliz devemos visar algo superior à felicidade. Devemos fazer o certo revelado a nós por uma consciência iluminada e um coração de puro amor nossa regra de dever, então podemos estar seguros que usos de todos os tipos serão servidos por nossa conduta, sejam previstos ou não; ao passo que, se fazemos dos cálculos de utilidade nossos guias na ação, não faremos as coisas mais nobres e melhores, porque em regra os usos de tais coisas são menos óbvios, mais demorados para aparecerem. Supremamente útil para o mundo é a devoção heróica do mártir; mas leva séculos para se desenvolverem os benefícios do martírio; e se todos os homens tivessem seguido as máximas da filosofia utilitária, e feito da utilidade seu motivo de ação, nunca teriam existido mártires. Utilitarismo tende a oportunismo e bajulação; é a morte do heroísmo e auto-sacrifício; ele caminha pelo que vê, e não pela fé; só olha o presente e esquece o futuro; ele assenta prudência no trono da confiança, não produz grandes personalidades, mas, no máximo, banais intrometidos. Consideradas essas coisas, não é surpresa descobrir que o termo “utilidade”, de tão freqüente recorrência no vocabulário religioso de hoje, não tem lugar no Novo Testamento.⁸

Mais quatro observações podem adequadamente fechar essas meditações sobre os memoráveis acontecimentos em Betânia.

1. Em todos os atributos de caráter enumerados até aqui, Maria foi um modelo de piedade genuinamente evangélica. O espírito evangélico é um espírito de amor nobre e *liberdade* sem medo. É um evangelicismo fraco que é um escravo do passado, da tradição, de costumes e métodos fixos em religião. O verdadeiro nome para esse temperamento e tendência é *legalismo*.

2. Da defesa que Cristo faz de Maria podemos aprender que ser acusado de erro não é evidência de estar errado. Considera-se geralmente que uma pessoa muito acusada fez algo errado, como o único motivo possível de ser censurado. Mas, na verdade, ele pode somente ter feito algo anormal; porque todas as coisas anormais são entendidas como erradas – o anormalmente bom bem como, até mais que, o anormalmente mau. Por isso, Paulo faz a aparentemente supérflua observação de que não há lei contra o amor e suas graças relacionadas. Na verdade, essas virtudes são tratadas como ilegais e criminosas sempre que excedem a usual medida limitada pela avareza em que tais metais preciosos são achados no mundo. Não foi aquele que perfeitamente incorporou todas as graças celestiais expulso da existência pelo mundo como uma pessoa intolerável? Felizmente, por fim o mundo chegou a uma opinião mais justa, embora freqüentemente muito tardia para ser útil para aqueles que foram incorretamente julgados. Os bárbaros da ilha de Malta, que, quando viram a serpente presa à mão de Paulo, pensaram que ele devia ser um

⁸ Sobre os defeitos da moralidade utilitarista, veja Sir James McIntosh *Dissertation*, sob Jeremy Bentham.

assassino, mudaram de opinião quando ele sacudiu o réptil e não sofreu dano, e exclamaram: “Ele é um Deus”. Daí, devemos aprender esta máxima da prudência, não ser muito apressado para criticar se quisermos ter créditos por compreensão e coerência, mas deveríamos nos disciplinar na lentidão em julgar a partir de considerações mais elevadas. Devíamos compartilhar reverência pelo caráter e personalidade de todos os seres inteligentes e responsáveis, e estar sob um constante medo de cometer erros, e de chamar o bem de mal e o mal de bem. Nas palavras de um antigo filósofo: “Devemos sempre ser muito cuidadosos quando estamos para acusar ou louvar um homem, para que não falemos incorretamente. Para isso é preciso aprender a discriminar entre pessoas más e boas. Porque Deus não se agrada quando se acusa uma pessoa como Ele próprio, ou se louva uma pessoa diferente de Si mesmo. Não imagine que as pedras e varas, pássaros e serpentes, são sagrados e que pessoas não são. Porque de todas as coisas, a mais sagrada é uma boa pessoa, e a mais detestável, uma má.”⁹

3. Se não podemos ser cristãos como Maria, não sejamos também discípulos como Judas. Alguns podem pensar que não seria desejável que todos fossem como a mulher de Betânia: plausivelmente alegando que, considerando a fraqueza da natureza humana, é necessário que a escola romântica, impulsiva, mítica de cristãos deva ser mantida sob controle por outra escola mais prosaica, conservadora, e por assim dizer, de caráter plebeu; enquanto admitindo que uns poucos cristãos, como Maria, na igreja ajudam a preservar a religião de degenerar em vulgaridade e formalismo. Seja como for, a igreja com certeza não precisa de Judas. Judas e Maria! Esses dois representam os dois extremos do caráter humano. Um exemplifica o παντων μιαινοτατον (a mais odiosa de todas as coisas) de Platão, o outro seu παντων ιερωτατον (a mais santa de todas as coisas). Caracteres tão diversos nos compelem a crer em céu e inferno. Cada uma vai para seu próprio lugar: Maria para a “terra do fiel”; Judas para a terra do falso, que troca sua consciência e seu Deus por ouro.

4. É digno de nota quão naturalmente e apropriadamente Jesus, em sua defesa magnânima da ação generosa de Maria, eleva-se totalmente ao nível da presciência profética, e antecipa para seu evangelho uma ampla difusão: “Em qualquer lugar *do mundo inteiro* onde este evangelho for anunciado”. Tal evangelho podia ser nada menos que mundial em simpatia, e ninguém que o entendeu e a seu Autor poderia deixar de ter um desejo ardente de ir a todo o mundo e pregá-lo a toda criatura. Esse toque universalístico no pronunciamento de Cristo nessa ocasião, longe de nos pegar de surpresa, antes parece muito óbvio. Mesmo críticos da escola naturalista admitem sua autenticidade. “Esta palavra em Betânia é a palavra solitária e bastante confiável do último período da vida de Cristo a respeito da carreira mundial

⁹ Platão, *Minos*.

que Jesus viu se abrir para ele e sua causa”,¹⁰ diz um dos escritores mais competentes dessa escola. Se, portanto, os doze continuaram estreitos judaístas até o fim, não foi devido à ausência de elemento universalista no ensino de seu Mestre, mas simplesmente a isso, que eles continuaram permanentemente tão incapazes de apreciar o ato de Maria, e o evangelho do qual ele era um símbolo, quanto se mostravam nessa ocasião. Que eles continuaram assim, entretanto, não acreditamos; e a melhor evidência disso é que o relato de Maria de Betânia recebeu um lugar nos registros dos evangelhos.

Fonte: *O Treinamento dos Doze*, A. B. Bruce, Arte Editorial, p. 269-285.

¹⁰ Keim, *Geschichte Jesu*, iii. 224.